CANA·DE·AÇÚCAR

As exportações de açúcar e de álcool defrontam-se com dificuldades, notadamente o virtual fechamento do enorme mercado dos Estados Unidos da América. Internamente, o **Plano de Estabilização** *vem promovendo uma grande expansão do consumo dos combustíveis.*

A normalização das condições climáticas na região Centro-Sul permitiu recuperar os canaviais e, atualmente, espera-se produzir 230 milhões de t na safra 1986/87, o que representa um acréscimo de 2% sobre o total colhido no ano passado.

Para o ano em curso, o **Instituto do Açúcar e do Álcool** modificou a forma de elaboração do **Plano de Safra**. Atendendo à antiga reivindicação dos produtores, tanto industriais quanto agrícolas, vinculados ao subsetor do açúcar e do álcool, formulou-se um planejamento plurianual, equivalente a três anos-safra, o que permitirá maior racionalização da atividade. O atual **Plano** contou ao ser elaborado, com ampla participação dos produtores.

A produção

O corte e a moagem na região Norte-Nordeste começam em setembro próximo, sendo ainda prematuras quaisquer projeções sobre o total da safra. No Centro-Sul, a colheita principia regularmente até meados de maio. Contudo, nas áreas atingidas pela seca do ano passado, a abertura da safra foi transferida para junho, visto que, diante da esperada quebra de produção, cessou a necessidade de sua antecipação. Além disso, com o congelamento dos salários, o adiantamento do término da safra para novembro (antes era feito com o intuito de evitar o pagamento de uma massa salarial maior, reajustada a partir daquele mês) deixou de interessar aos proprietários de usinas e aos fornecedores. Sem a antecipação, consegue-se efetuar o corte no período de melhor rendimento da matéria-prima.

As previsões de quebra de safra, divulgadas pelos produtores, no momento mais crucial da seca, não se confirmaram. Naquela oportunidade, chegaram a ser estimadas perdas de até 30% da produção, em São Paulo. No entanto, com o restabelecimento de um regime de chuvas favorável, no início do presente ano, os prejuízos foram significativamente atenuados. Algumas sub-regiões produtoras foram mais atingidas pela estiagem, como é o caso de Ribeirão Preto, que pode perder até 10% de sua produção estimada. Agora, as atenções voltam-se para as condições climáticas dos próximos meses. Assinale-se que, em abril, as chuvas voltaram a escassear em algumas importantes sub-regiões, como Guariba, Ribeirão Preto, Catanduva e Jaboticabal e a cana, que estava vegetando satisfatoriamente, passou a ter sua brotação atrasada.

Estima-se que a produção paulista fique em torno de 121 milhões de t, quando foram obtidas 122,6 milhões de t na safra passada. Essa produção se deve tão-somente ao aumento da área plantada, já que a produtividade agrícola apresentará um decréscimo aproximado de 3%, apesar de se ter iniciado um processo de substituição de variedades antigas.

No tocante ao rendimento industrial, deverá ser bom, em função do clima, embora muito provavelmente inferior ao atingido no ano passado quando, como efeito da seca, aumentou o teor de sacarose da cana.

Os canaviais de outros estados da região Centro-Sul, como Paraná e Minas Gerais, também sofreram os efeitos adversos da seca, mas em menor monta. Assim sendo, estima-se um crescimento da produção no Paraná de 5%, devendo totalizar 11,1 milhões de t, enquanto Minas Gerais deverá perfazer um total de 11,5 milhões de t, com um incremento de 12%. Em ambos os estados, o rendimento agrícola deverá ficar próximo às médias de 60 t/ha, no Paraná e 59 t/ha, em Minas Gerais, obtidos na safra 1985/86. Os possíveis incrementos da produção podem ser creditados ao crescimento da área plantada.

No Rio de Janeiro, continuou precário o desempenho da lavoura. Seu rendimento agrícola, hoje colocado entre os menores do país, não deve ultrapassar as 50 t/ha registradas no ano passado.

Em seu conjunto, a região Centro-Sul deverá produzir 164 milhões de t, ou seja, 72% do total da produção brasileira.

Nesta safra proliferou o **carvão** nos canaviais, favorecido pela seca. Esta doença, que provoca o definhamento da planta, tem encontrado na variedade **NA-56-79**, que é a mais cultivada em São Paulo, crescente

suscetibilidade. Vem-se recomendando sua substituição por outras variedades já disponíveis e mais resistentes à doença, como as **SP-716163** e **SP-71-799.**

Açúcar

O **Plano de Safra** prevê uma produção de 8,6 milhões de t de açúcar, o que representa um acréscimo de 9,4% sobre a quantidade produzida anteriormente (ver Quadro 04). O mercado interno deverá absorver 5,9 milhões de t, restando 2,7 milhões de t para as exportações.

No mercado internacional, nos últimos quatro meses, houve recuperação significativa dos preços, ficando a média, em 1º de maio, calculada pela **Organização Internacional do Açúcar,** em US¢ 8,46/libra-peso, ou seja, 50% acima de seis meses atrás.

Segundo estimativa da corretora **F. O. Licht,** o déficit de oferta da safra 1985/86 atingirá 1 milhão de t. Em parte, a redução na produção da safra passada foi provocada pela retração de alguns países grandes produtores, diante da elevada gravosidade de suas exportações. Assim, e mais a ocorrência de diferentes problemas nas safras de alguns países importantes consumidores (**União Soviética** e **Índia**), intensificou a pressão da demanda, donde a elevação dos preços.

Por outro lado, a melhora das cotações pode favorecer um desfecho positivo nas negociações que vêm sendo encaminhadas, pelos quatro principais exportadores mundiais (**Cuba, Brasil, Comunidade Econômica Européia** e **Austrália**), em prol de um novo convênio internacional, que disciplinaria a interferência de exportadores e importadores nos mercados. Reconhece-se, porém, a dificuldade da obtenção de um acordo realmente efetivo, em um mercado que é influenciado por um grande número de países compradores e vendedores.

As primeiras projeções sobre a safra mundial, no período 1986/87, somente serão divulgadas no início do segundo semestre. Acredita-se que os preços não mais atingirão o nível extremamente baixo verificado nos meses de junho e julho do ano passado, mas não há perspectivas de uma alta que coloque as cotações no patamar alcançado em fins de 1980, quando o produto foi cotado em US¢ 40/libra-peso. O mercado encontra-se estabilizado em uma nova configuração, em que consta como dado decisivo o processo irreversível de substituição do açúcar por diversos sucedâneos.

Doutra parte, não interessa aos produtores brasileiros a volta a uma situação de grandes flutuações de preços. Considera-se, até o momento, acertada a posição atual do **IAA** de não buscar, a qualquer preço, ampliar as exportações, que foi a política posta em prática no ano passado, quando se venderam 2,5 milhões de t de açúcar, arrecadando US$ 374 milhões. A baixa receita total ocorreu em função das reduzidas cotações então vigentes no mercado. Agora, também se diminuiu a quantidade a ser exportada, pelo cancelamento de contratos negociados pela gestão anterior do **IAA,** considerados nocivos aos interesses do país e, da mesma forma, foram suspensos contratos de vendas programados para este ano, correspondendo a 120 mil t.

A recuperação das cotações, iniciada no segundo semestre do ano passado, contribuiu parcialmente para que as exportações brasileiras deixassem de ser gravosas. Conforme declaração do **IAA,** as vendas externas passaram a dar lucro, desde outubro último. Para que este resultado fosse obtido, foi decisiva a polí-

QUADRO 04 – AÇÚCAR – PRODUÇÃO AUTORIZADA PARA A SAFRA 1986/87[1] E PRODUÇÃO REALIZADA NA SAFRA 1985/86 (t)

REGIÃO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO	PRODUÇÃO AUTORIZADA PARA A SAFRA 1986/87	PRODUÇÃO REALIZADA NA SAFRA 1985/86[2]
Norte-Nordeste	3.580.000	3.199.022
Pará	5.000	–
Maranhão	48.000	43.754
Ceará	40.000	39.451
Rio Grande do Norte	135.000	129.361
Paraíba	155.000	153.619
Pernambuco	1.617.000	1.421.374
Alagoas	1.355.000	1.218.837
Sergipe	120.000	113.260
Bahia	105.000	79.366
Centro-Sul	4.980.000	4.620.233
Minas Gerais	525.000	508.797
Espírito Santo	42.500	30.776
Rio de Janeiro	374.200	433.787
São Paulo	3.752.100	3.415.808
Paraná	200.000	152.520
Santa Catarina	30.000	23.271
Rio Grande do Sul	5.200	7.251
Mato Grosso	37.000	35.810
Goiás	14.000	12.213
Brasil	8.560.000	7.819.255

FONTE – IAA
[1] De acordo com o Plano de Safra publicado pelo IAA;
[2] posição de abril de 1986.

tica cambial então posta em prática, de reajustes diários do dólar, em relação ao cruzeiro. Assim, enquanto a remuneração das exportações crescia diariamente, o preço interno de aquisição do açúcar, pelo **IAA**, era reajustado somente a cada quadrimestre. Devem ser considerados, ainda, os ganhos de produtividade, que vêm sendo obtidos nos últimos anos. Enquanto há sete anos atrás eram necessários US$ 264,00 para produzir uma t de açúcar, no presente estima-se que a mesma quantidade é obtida com US$ 128,00. Este custo de produção inclui despesas de armazenagem, frete, embalagem, transporte até o porto de embarque, mas não considera o subsídio pago às usinas do Nordeste, correspondente a US$ 34,83/t.

Se agora estão-se delineando condições mais favoráveis às exportações, em contraposição aumentam as restrições às vendas para o mercado norte-americano, tido até então como preferencial. Assim sendo, reduziu-se a quota de importação do açúcar brasileiro para 248 mil t, com uma receita estimada de US$ 92 milhões. O **Brasil** obtém nas negociações com os **Estados Unidos da América** um preço médio de venda de US$ 370/t, bastante superior ao obtido nas bolsas.

A arrecadação brasileira com as vendas de açúcar para o exterior deverá apresentar alta significativa. Segundo o **Plano de Safra**, pretende-se destinar uma quota de 2,7 milhões de t para as exportações neste ano, ao mesmo tempo em que o preço médio mostra indícios de estabilidade. Embora ainda seja prematura qualquer previsão quanto à receita, é certo que será bem maior do que a obtida no ano passado.

As exportações de mel rico **(HTM)** e melaço, por seu turno, deverão ser bastante modestas, devido aos baixos preços que têm prevalecido no mercado mundial. No ano passado, as vendas de mel rico apresentaram certa magnitude, diante da substituição de contratos de venda de açúcar **demerara** pelos de venda deste produto. Para este ano, a comercialização do mel rico se destacará tão-somente se sobrar cana-de-açúcar para processamento, o que não parece provável.

Álcool

As exportações de álcool mostram perspectivas menos alvissareiras do que as do açúcar. O grande mercado potencial de álcool anidro, que se localiza nos **Estados Unidos da América**, apresenta-se, desde o ano passado, praticamente fechado, em função das pesadas sobretaxas impostas às vendas brasileiras. Registre-se que, além da tarifa de US$ 0,60/galão, mais 3% de taxa **ad valorem**, instituídas pelo Congresso norte-americano em 1980, foram ainda estabelecidas, no ano passado, sobretaxas de até 101% sobre empresas exportadoras brasileiras acusadas de **dumping**, mais um imposto compensatório de 2,61%, resultado do processo anti-subsídio. No início de março deste ano, a **Comissão de Comércio Internacional** dos **EUA** concluiu que as exportações brasileiras para aquele país, entre junho de 1984 e fevereiro de 1985, não causavam danos à indústria local de etanol, decidindo-se pela retirada das sobretaxas impostas pelo **Departamento de Comércio** ao álcool brasileiro.

Contudo, a médio prazo, estas exportações devem permanecer paralisadas, já que o preço do álcool brasileiro, vendido nos **Estados Unidos da América**, tem que acompanhar o preço da gasolina, que vem baixando acentuadamente no mercado norte-americano, em virtude da queda do preço internacional do petróleo. O álcool brasileiro custa ao consumidor norte-americano algo em torno de US$ 2,00/galão, enquanto a gasolina apenas US$ 0,5/galão. As perspectivas seriam mais promissoras caso fossem retiradas as demais sobretaxas, mas, a curto prazo, isto não deverá ocorrer. Não dispondo de condições de intervir sobre estes fatores, fecha-se para o Brasil o enorme mercado norte-americano.

O Quadro 05 apresenta a meta de produção de álcool, para a safra atual. O volume de produção de 11,7 bilhões de litros contrariou a expectativa predominante de que, em face dos elevados estoques, a produção autorizada apresentaria sensível redução. Assinale-se que, segundo o **Conselho Nacional de Petróleo (CNP)**, o estoque de passagem da safra 1985/86, em poder da **Petrobrás**, somou 2,461 bilhões de litros, além de um volume remanescente junto ao sistema produtor estimado em 1,3 bilhão de litros. A opção por uma produção praticamente igual à realizada no ano passado parece não encontrar respaldo na demanda provável dos diversos mercados. As exportações de etanol limitar-se-ão a um mercado que não ultrapassa 300 milhões de litros. Na medida em que, internamente, não surgiram outras alternativas de demanda para o álcool combustível, ou mesmo para a álcoolquímica, uma meta de produção desta ordem favorece a formação de estoque ainda mais volumoso do que aquele acumulado no ano passado.

No entanto, um fato novo surgiu e vem alentando as esperanças dos produtores de um melhor escoamento do produto. Trata-se do grande incremento no consumo de combustíveis, verificado após a reforma econômica. Alguns fatores explicam o fato de a demanda por gasolina e álcool vir apresentando crescimento médio de 10% ao mês, sendo o principal o congelamento do preço destes combustíveis em um momento em que sua taxa de reajuste, em um ano, era muito inferior à inflação. Junto a isto, com a estabilização, o consumidor sentiu-se estimulado a uma maior demanda, quer pelo ganho salarial que porventura tenha

QUADRO 05– ÁLCOOL – PRODUÇÃO AUTORIZADA PARA A SAFRA 1986/87[1] E PRODUÇÃO REALIZADA NA SAFRA 1985/86 (m^3)

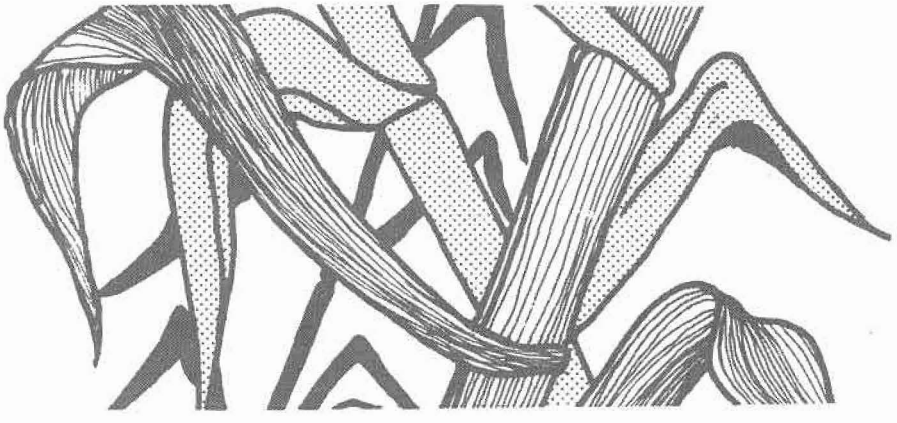
REGIÃO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO	PRODUÇÃO AUTORIZADA PARA A SAFRA 1986/87	PRODUÇÃO REALIZADA NA SAFRA 1985/86[2]
Norte-Nordeste	2.163.000	2.019.633
Rondônia	3.700	1.205
Pará	12.700	5.900
Maranhão	28.200	24.539
Piauí	14.300	13.119
Ceará	22.700	20.979
Rio Grande do Norte	146.300	132.002
Paraíba	342.000	310.120
Pernambuco	606.000	571.211
Alagoas	877.500	859.053
Sergipe	52.500	44.375
Bahia	57.100	37.130
Centro-Sul	9.565.400	9.799.108
Minas Gerais	530.600	434.887
Espírito Santo	169.100	145.379
Rio de Janeiro	290.000	280.637
São Paulo	7.010.700	7.623.680
Paraná	751.600	691.250
Santa Catarina	4.600	6.048
Rio Grande do Sul	1.600	560
Mato Grosso do Sul	298.700	77.325
Mato Grosso	155.700	232.631
Goiás	352.800	306.711
Brasil	11.728.400	11.818.741

FONTE – IAA.
[1] De acordo com o Plano de Safra publicado pelo IAA;
[2] posição de abril de 1986.

obtido, quer pelo descrédito nas opções de investimento que passaram a ser oferecidas. Também como conseqüência destes dois últimos fatores, a demanda por automóveis novos foi superaquecida.

Resta saber se esta situação irá se manter por muito tempo. Algumas autoridades governamentais já vêm manifestando preocupação com os problemas provocados nas grandes cidades pela utilização intensa de automóveis. O certo porém, é que, se o consumo de álcool combustível voltar a arrefecer, o país se verá novamente às voltas com um excesso de oferta.

É oportuno lembrar que, na safra passada, a conta-álcool da **Petrobrás** apresentou significativo déficit. A sua causa foi o fato de que a empresa pagava ao produtor, naquela oportunidade, Cr$ 2.794,39 pelo litro de álcool, vendendo-o ao consumidor por Cr$ 2.740,00. Como arcava com encargos sociais da ordem de Cr$ 692,44 por litro, havia uma defasagem de Cr$ 746,83/litro, situação determinada pela permanência da relação **preço do álcool ao consumidor/preço da gasolina** (65%). Como este último teve reajustes inferiores àqueles concedidos aos produtores, estabeleceu-se o desequilíbrio, que se conserva até hoje. Em conseqüência, a **Petrobrás** deixou de pagar às usinas as duplicatas respectivas, desde outubro passado, somente vindo a regularizar suas dívidas em abril último. A tendência, portanto, é de que o déficit da conta-álcool venha a se ampliar, caso não seja interrompido o subsídio que vem sendo repassado ao consumidor.



Insatisfação dos produtores

Por fim, vale mencionar a insatisfação dos produtores agrícolas e industriais com os preços vigentes da cana-de-açúcar, açúcar e álcool, congelados desde o fim de fevereiro. Um levantamento dos custos de produção da cana-de-açúcar, no nível dos fornecedores de São Paulo, efetuado pela **Organização de Plantadores de Cana do Estado de São Paulo (Orplana)** aponta uma defasagem de 35% entre o preço oficial determinado pelo **IAA** e o custo da cana na esteira, em 1º /03/86. Entretanto, é improvável que, em futuro próximo, os preços pagos aos produtores, venham a ser alterados. Mesmo porque, o conjunto de medidas teve boa acolhida no setor, principalmente à vista da redução dos custos financeiros, com o fim da correção monetária antes embutida nos financiamentos.